

1061060 - 15.10.60

A CRÔNICA de Rubem Braga

PARTIDO DO PASSADO

NEM se pode, neste caso, falar em derrota; o que houve foi esquecimento. O povo simplesmente esqueceu-se de um partido político; o eleitorado não se lembrou de sua existência. Estou me referindo aos integralistas (Partido de Representação Popular), que não conseguiram fazer um só deputado no Estado da Guanabara.

É certo que o integralismo ainda existe no Brasil. Só funciona, porém, em certas áreas, em que há predominância de descendentes de italianos e principalmente de alemães, que transferiram para o Sigma sua saudade de Mussolini e Hitler. É um partido nitidamente do passado e que, sociologicamente, tende a entrar para a área do folclore, como as religiões negras. E, em matéria de folclore, o Sr. Tenório Cavalcanti agrada muito mais, com sua transposição para o asfalto da legenda dos cangaceiros nordestinos.

Nossos estudiosos de ciência política têm aí um tema curioso para exame: as razões e condições de sobrevivência do integralismo. Creio que ela se nota mais em zonas rurais ou em cidades estreitamente ligadas ao campo, com um alto índice de religiosidade e um certo enquistamento cultural. Haverá exceções, mas a base é esta. Fora dessas áreas, o partido está, sem querer fazer trocadilho com seu nome, em franca desintegração. A melhor prova disso é a crescente incapacidade de seu chefe em se fazer obedecer. Quando negocia os seus votos, o Sr. Plínio Salgado está, frequentemente, vendendo o que não é mais seu.

E ainda há quem compre. A melhor prova disso está no fato, bastante vergonhoso para o nosso "trabalhismo" e para o Governo do Dr. Juscelino, de lhe haverem sido entregues o Instituto de Imigração e, mais recentemente, o IPASE.

E que tem feito o integralismo no poder, ou nessa fatia de poder? Nada de notável. Apenas nomeações de partidários, criação de cargos inúteis de procuradores etc., na mais vulgar técnica de mamar nos cofres públicos, sem outra preocupação que a de tornar essas mamatas vitalícias; é o acalordamento mais melancólico de um partido que, embora errado, soube mobilizar no passado a fé cívica e as esperanças virentes de centenas de milhares de moços.

Aproveitem esses três meses e meio, bravos bateristas dos tambores silenciosos! Depois dêles — é a vassoura. A vassoura da História, a varrer o lixo das ideologias defuntas.

(Desculpem a frase; saiu tão borocochô que parece coisa do Sr. Plínio Salgado; mas é verdade).

170